

AMAZONAS - Os Desafios do Desenvolvimento Econômico Local

Nilson Pimentel (*)

10.03.2017

Para uma sociedade que almeja alcançar ou vivenciar os benefícios que o desenvolvimento econômico poderá lhe proporcionar, a do estado do Amazonas está bem longe desse estágio de melhoria na qualidade de vida socioeconômica.

Sobre essa discussão que se deu no Clube de Economia da Amazônia (CEA) nesta semana quando da apresentação de uma possível cadeia produtiva de condicionador de ar no Polo Industrial de Manaus (PIM), não por um preposto, mas por um empresário do segmento com indústria operando no Polo, haja vista as necessidades que passa e as parcas ou ausência de oferta de certos fatores e sua visão sobre a sociedade amazonense, na qual se encontra radicado há quase dez anos.

Para os economistas especialistas em desenvolvimento econômico regional do CEA, sempre se posicionam que o Amazonas seja possuidor dos maiores mananciais de recursos naturais que podem ser traduzidos por potenciais econômicos, passíveis de aproveitamento dentro da racionalidade econômica produtiva, mas, até essa segunda década do Século XXI, não soube o quê fazer com tamanha riqueza potencial, mesmo as mais 'estudadas' e faladas na sociedade.

Para aquele 'estrangeiro', o que se passou no final do Ciclo da Borracha foi uma demonstração de um das formas de esperança que caracteriza o comportamento coletivo de uma sociedade e a ausência total de um planejamento estratégico que norteasse a vida pós o débâcle.

O que os especialistas do CEA que já haviam chegado a essa análise, concordam e ampliam mais ainda a constatação, em que toda a riqueza amealhada com as atividades econômicas oriundas daquele ciclo econômico foi delapidadas, restando no Amazonas os monumentos históricos construídos naquela época.

A sociedade amazonense, digo a manauense, acostumada com as benesses que o fausto das atividades econômicas do Ciclo da Borracha lhe proporcionava não se preocuparam com o futuro, mas vivenciaram intensamente aquele presente, nem as elites e nem os governantes, quiseram se comprometer ou não tiveram capacidade de se precaver de um fim já anunciado, com futuro do Amazonas do que poderia advir.

Logo após, seguiu-se um hiato de tempo na estagnação econômica e algumas práticas de extrativismo primário, até o resgate econômico pela implementação do projeto Zona Franca de Manaus (ZFM). Mesmo assim, nessa época ainda se pôde constatar que as práticas extrativistas e o comércio destas proporcionaram certo estágio da economia amazonense que movimentaram os negócios locais juntamente com a ganância das riquezas familiares de então, como se nada fosse acabar ou se acomodaram aquelas situações.

Entretanto, mesmo com todo esse novo El'Dorado (ZFM), as elites dominantes e a casta de governantes não foram capazes de antever o futuro e/ou como recomendam os economistas, não tiveram a capacidade de vislumbrar e projetar um futuro promissor que pudesse ser transformado na realidade na qual se vive atualmente.

Quando se trata da Ciência da Economia nada dura para sempre e nem no longo prazo, pois todos os fatores que influenciam economicamente as atividades humanas estão sempre em mudanças, ora favoráveis, ora desfavoráveis alterando todos os fluxos daqueles fatores e, como preconizam os especialistas do CEA, se sabe que o futuro desse modelo ZFM carece de alterações para não se ter seu momento desfavorável anunciado.

Nesses últimos 50 anos do modelo ZFM, quando determinados governantes 'acordaram' ou tiveram vislumbres passageiros que deveriam tentar algum programa, projeto ou ações que, ao menos estruturasse a economia

regional ou algumas atividades econômicas mais relevantes, o fizeram sem os lastros dos conhecimentos científicos e tecnológicos, mas de forma atabalhoadamente, pois esqueceram do principal em quaisquer forma de gestão, o Planejamento Estratégico, que no caso do Amazonas, o mais premente é o Econômico.

Assim, as discussões levam as questões da sustentabilidade econômica do modelo ZFM, mesmo que após 50 anos não se tenha desenvolvido em nenhum aspecto a aderência à economia regional endógena.

Por outro lado, há de se viabilizar outros projetos de desenvolvimento econômico regional que explore as riquezas desse manancial de recursos naturais que nos cerca, dentro da racionalidade econômica, por deliberação de um Planejamento Estratégico Econômico, que além das questões econômicas se detenha sobre a sustentabilidade ambiental.

As ações estruturantes ou pontuais em determinado fator poderão não trazer os resultados almejados e atrasar mais ainda os processo de desenvolvimento econômico regional, sem que haja um reordenamento das atividades econômicas nos espaços territoriais em cada município do Amazonas, o que para isso, somente através de conhecimentos técnico científico e de pesquisa operacional da questão econômica.

Nesses tempos de resultados positivos do projeto ZFM, passaram-se duas gerações, em termos econômicos e se nada for feito no sentido da abordagem já citada, já entraremos na terceira geração sem que se atenham ao comprometimento com o futuro promissor para a sociedade amazonense.

De outra forma, se fala muito na utilização desses recursos naturais, sustentáveis etc, mas não se arquiteta e nem se projeta o como fazer? Por que fazer? Quais os meios para se fazer? E quais os fins a serem alcançados? Ou seja, há de se delimitar caminhos e metas e aonde se quer chegar ou almejar no futuro.

Alguns especialistas entendem que um dos caminhos sejam os conhecimentos científicos, tecnológicos e inovativos que envolvam a BIOTECNOLOGIA.

Sabe-se que são consumidos bilhões de dólares em estudos, pesquisas que possibilitem novos conhecimentos e informações que levem aos reinos naturais, viabilizando-os aos aproveitamentos econômicos a serviço do Homem, tanto que enormes quantidades de informações genéticas sobre flora e fauna, e informações técnicas sobre minerais e acidentes geográficos, e da própria espécie humana que armazenados em bancos de dados específicos possam ser utilizados como primeiro recurso econômico primário bruto do século XXI.

As questões vão além de não serem simples e sempre esbaram no fator sustentabilidade econômica, vejam que já se estabelece um confronto em função de que os recursos tecnológicos necessários para incrementar e implementar projetos desse novo segmento econômico encontra-se em grupos empresariais do hemisfério norte, porém grande parte dos recursos naturais essenciais para sustentar plantas dessa nova revolução somente existe nos ecossistemas tropicais do hemisfério sul, notadamente na Amazônia.

Em breve teremos verdadeiros conflitos em que aqueles players dominantes e os governos de países do hemisfério sul, o Brasil na cabeça e a Amazônia como centro disso tudo.

Esta será a maior batalha por domínios econômicos e políticos já na segunda metade do Século XXI em diante.

Portanto, o que se projeta para o futuro na disputa da moderna da biotecnologia é a importância econômica dos biomas do Brasil, principalmente da Amazônia e sua diversidade ambiental ainda nada explorada e muito por se conhecer.

Esse é o futuro da bioindústria que aguarda o Amazonas na vanguarda, se houver o comprometimento dos governantes, dos políticos e das autoridades do conhecimento científico institucionais com o futuro promissor

que tanto a sociedade amazonense almeja.

Vejam o que aconteceu em passado recente com essa imensa e rica região, foram volumosos negócios até se chegar ao estágio atual:

- 1) o ciclo da borracha – 1840/1910;
- 2) a “guerra” da borracha – 1940/45;
- 3) a industrialização por substituição das importações – 1966/70;
- 4) a Zona Franca de Manaus (ZFM) – 1967;
- 5) a pecuária incentivada e a colonização induzida – década de 70;
- 6) o extrativismo madeireiro permitido – décadas de 80 e 90;
- 7) a grande exploração mineral – início da década de 70;
- 8) da ZFM, restando somente o Polo Industrial de Manaus – 2000.

Com esse viés que se estabelece as discussões sobre o futuro do desenvolvimento econômico endógeno na Amazônia e em particular no Amazonas inserindo-se a grandeza econômica de sua biodiversidade por intermédio das tecnologias da moderna biotecnologia.

Para alguns economistas especialistas em projetos de desenvolvimento econômico regional creditam que o Programa Brasileiro de Ecologia Molecular para o Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia (Probem/Amazônia) de 1997, foi incluído no Programa do Governo brasileiro “Brasil em Ação”, tendo em vista a importância do Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), em Manaus, com todas as possibilidades por intermédio de uma Identidade Própria (modelo de gestão, identidade civil CNPJ, Estatuto, Regimento, etc) e um Planejamento Estratégico específico, que venha a ser a mais avançada e inovadora Instituição de Pesquisa e Desenvolvimento em biotecnologia, fora do hemisfério norte e que tenha possibilidades objetivas de aproveitamento da estrutura industrial do PIM na implementação de plantas de bioindústrias, em futuro próximo.

Acredita-se que seja possível esse futuro, como meta do comprometimento e responsabilidade dos gestores públicos para o futuro do Amazonas.

(*) Economista, Engenheiro, Administrador de Empresas, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br.